

Distribuição espacial da população e mobilidade: uma análise de processos

Ana Carolina Soares Bertho

Doutoranda em Demografia – IFCH Unicamp

A distribuição espacial da população está baseada em diversos fatores – ambientais, econômicos, sociais e culturais. Em tempos de distâncias encurtadas por densas redes de transportes e comunicações, cabe questionar o papel da mobilidade. Afinal, o aumento da infra-estrutura viária viabilizaria o espraiamento urbano ou, pelo contrário, a ocupação de novos espaços teria gerado uma maior demanda por transportes? Qual é a definição de mobilidade? Acredita-se que, assim como a distribuição espacial da população deve ser vista como processo e não como aspecto estanque, o conceito de mobilidade também precisa ser revisto e redefinido de acordo com a escala do objeto em questão. Há autores que já defendem que é cada vez mais difícil distinguir mobilidade residencial de mobilidade cotidiana. Concordando-se ou não com tal afirmação, é inegável que os espaços de vida estão cada vez mais “esgarçados”. Este excesso de mobilidade cotidiana tem consequências sérias para o meio ambiente, entre elas a poluição e o esgotamento de recursos naturais. Se, por um lado, maior mobilidade representa maior acesso às oportunidades e serviços, por outro a liberdade irrestrita de ir e vir da forma que se julga mais confortável e conveniente – especialmente fazendo uso do automóvel particular - representa uma ameaça à qualidade de vida da população. Observa-se uma contradição no discurso daqueles que buscam “refúgio” em áreas afastadas das grandes metrópoles: ao mesmo tempo em que querem fugir da poluição e do barulho que caracterizam os grandes centros urbanos, não se dão conta do aumento de poluição que provocam ao fazerem seus deslocamentos. No início dos anos 90, começaram a ganhar destaque no Brasil os estudos relacionando mobilidade populacional e ambiente, ressaltando principalmente os limites dos recursos naturais e a capacidade de suporte dos territórios mediante o adensamento populacional. Devido a dificuldades teóricas e metodológicas, nem sempre os estudos demográficos que tratam de mobilidade populacional consideram o contexto dos limites ambientais. Para Daniel Hogan, o primeiro passo é o reconhecimento da mobilidade como fator de peso na qualidade de vida das populações. A valorização da qualidade de vida poderia levar à redução da liberdade de mobilidade, perspectiva defendida por ambientalistas, mas ainda pouco explorada pelos demógrafos. Diante destes conceitos e contradições, a discussão proposta busca avançar na compreensão da relação entre distribuição espacial da população, mobilidade e consequências para o meio ambiente.

Palavras-chave: Distribuição espacial da população; espaço de vida; mobilidade